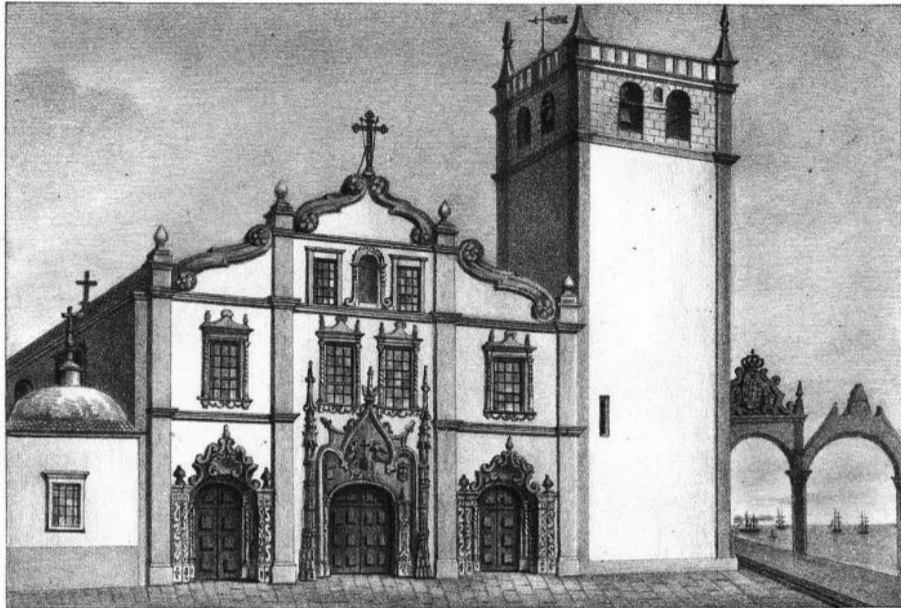


# A Matriz de Ponta Delgada Arquitetura como Palimpsesto



Matriz de Ponta Delgada

Igreja-matriz de São Sebastião, Ponta Delgada (gravura de J. Cândido de Abranches, 1869)

A igreja de São Sebastião recebeu, como todos os edifícios plurisseculares, diversas empreitadas ao longo da sua existência. É esse processo de *continuidade estilística* - em que o gosto prevalecente à época de cada intervenção, requisitos funcionais, capacidade financeira e domínio tecnológico, determinam o desenho utilizado - que explica a sua atual morfologia resultante de uma continuada recomposição arquitetónica. Segundo Gaspar Frutuoso a edificação iniciou-se por 1531, na sequência do levantamento da interdição a que a Vila fora obrigada pelo surto de peste. O texto informa-nos que o novo templo se ergueu sobre um anterior de menor dimensão, que se supõe de idêntica invocação. Inquestionável é que a "proteção" conferida por S. Sebastião, o *advogado da peste*, durante a epidemia determinou a decisão de lhe erigirem um templo maior, e que a refundação atesta o prestígio e centralidade da praça onde também se erguiam os Paços do Concelho, qualidades reforçadas pela proximidade ao porto.

O corpo original da igreja, de planta retangular, estrutura-se em três naves com cobertura de madeira, sendo a central mais alta que as laterais. A frontaria recebia a atual porta central de desenho manuelino, encimada por vão de iluminação, que se presume fosse uma rosácea, como é corrente no gótico mendicante, sendo também de desenho manuelino as portas dos alça-

dos norte e sul. O conjunto quinhentista era completado pela cabeceira, rematada pela capela-mor por sua vez ladeada pelas capelas do Santíssimo e do Rosário. Esta singular disposição das capelas, intercomunicantes através de dois arcos, hoje emparedados, é comum a outras igrejas açorianas. A cobertura da capela-mor (as das capelas colaterais já não patenteiam o que se presume ter sido idêntica estrutura primeva) evidencia o desenho original da abóbada artesoadada de desenho manuelino. Coevas da estrutura original são também a desaparecida torre do relógio, que se implantava no extremo nordeste (assumindo uma morfologia similar à Sé do Funchal) e as capelas anexas às naves laterais, erguidas junto da cabeceira e cobertas por abóbadas artesoadadas de pano único. Não obstante a sua integração formal e cronológica na primeira fase do programa quinhentista, é evidente que estas duas capelas constituem dependências anexas ao corpo da igreja, que denotam a inexistência de um plano de conjunto no sentido renascentista da expressão. O contexto arquitetónico nacional, periférico ao epicentro italiano promotor do rigor classicizante, apoiou-se sobretudo na originalidade decorativa, patente nos portais manuelinos, em detrimento da inovação espacial e da coerência formal. Essas condições moldaram um gótico nacional/mendicante produto da escassez de recursos e da excentricidade geo-



Cabeceira da igreja antes das obras de reintegração dos anos 1960



Pórtico sul da igreja



Sé do Funchal, um modelo similar à fase inicial da igreja-matriz

gráfica - que não favorecia a inovação tecnológica da mão-de-obra e a afirmação de um novo gosto estético - de que São Sebastião constitui exemplo. Referimo-nos à cobertura de madeira das naves, à pequenez dos vãos e à acentuação da horizontalidade sugerida pelo pé-direito atarracado e pela diferenciação altimétrica das naves. Na mesma centúria seriam adicionadas duas capelas, patenteando já a de Gaspar do Rego a aplicação das regras renascentistas, que relacionam as proporções do corpo humano com a geometria do cír-

## O Pórtico Sul

A igreja possui três pórticos manuelinos que constituem os elementos mais evocativos da época da sua fundação. A maior adequabilidade da pedra de lioz, à delicadeza do desenho, evidencia-se quando comparados os pórticos orientados a poente e sul, com aquele a norte esculpido em pedra vulcânica. Critérios de representação, inserção urbana e composição, distinguem os dois mais importantes. Se é o do frontispício que ostenta as armas reais e municipais, é o da fachada sul que, pelo equilíbrio e desenho, melhor reflete a influência renascentista, expressa no emprego de medallhões contendo bustos esculpidos. A posição secundária desta porta, e o rosto imberbe inviabilizam que o retratado possa ser identificado com D. João III, à época homem adulto. ♦

culo e do quadrado. A torre sineira iniciada nesse século só seria concluída por 1624. Data também de seiscentos a capela das Almas, construída no extremo noroeste da nave. Nestor de Sousa documenta importantes alterações, no início da década de vinte do séc. XVIII, que se justificaram quer na segurança, demolição da torre do relógio, quer na melhoria dos índices de iluminação natural. Este requisito impôs a elevação da cobertura das naves laterais à cota da central, e um modelo de fachada vagamente inspirado na igreja-palácio, que obrigou à convivência da porta original, com portas laterais e vãos de desenho barroco, tudo rematado por cornija com volutas. No séc. XIX documentam-se ainda a imposição do relógio à torre sineira e o rasgamento dos vãos da absíde, bem como a construção de diversas dependências laterais e, no interior, o recobrimento em gesso de elementos estruturais. Na década de sessenta do séc. XX uma campanha promovida pela D.G.E.M.N., norteada por objetivos de *reintegração estilística*, repõe as diferenças altimétricas da cobertura das naves, e derriba as dependências oitocentistas anexas ao corpo da igreja, expondo parcialmente e cabeceira, sem contudo alcançar a pureza de estilo, já então internacionalmente criticada. ♦

IGOR ESPÍNOLA DE FRANÇA  
UNIV. DOS AÇORES  
igorfranca@uaac.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direção Regional da Cultura